

AS ERRÂNCIAS DE FRANZ KAFKA

Bárbara Guatimosim

E “A contribuição milionária de todos os erros”
(Oswald de Andrade em *Manifesto Pau Brasil*, 1924, p.66)

SUMÁRIO

O escritor Franz Kafka deixa em sua obra o testemunho de um duplo exílio, sem saída, que lhe parece impossibilitar uma terceira via: para ele, não só não há lugar no mundo, como também só vive fora de si. Entretanto, no limbo errante de sua escrita, registrada em ficções, diários e correspondências segue construindo um caminho de resistência que, mirando a morte, leva-o ao encontro de destinos inesperados. Ao lado das andanças de Kafka exploramos ainda o tema da errância em alguns poetas e escritores e também as consequências do convite ao erro que a psicanálise promove.

PALAVRAS-CHAVE

Exílio. Errância. Escrita. Associação livre. Infinito.

Franz Kafka é o escritor que talvez testemunhe de modo mais lúcido e pungente a falta que faz um pai desde o excesso do *Urvater* que sofreu. Muito cedo em sua vida, na ausência de uma autoridade legítima, vemos erguer-se

monstruosamente a sombra espessa do supereu que cai sobre ele, melancolizando sua curta existência. Kafka, por 40 anos, sem uma referência que o guie e assolado constantemente por um “invisível tribunal”, sem lugar, em um mapa-múndi ocupado, invadido pelo Outro, erra na angústia de sua clausura, preso do lado de fora do mundo. Mas Kafka não desiste e segue errante em busca de uma saída. Dos postos de resistência, a escrita é a via privilegiada e chega a fazê-lo dizer mais de uma vez: “Sou apenas literatura.” No afã de registrar tudo, preenche milhares de páginas em contos, diários e correspondências, esboça romances e desenhos, interminavelmente.

Kafka confessa em seus *Diários*: “A minha vida é o hesitar antes do nascimento (*Das Zögern vor der Geburt*).” (24/01/1922, Difel, p. 360). E nesse hesitar instala-se a errância de uma vida escrita. Essa região, — terra de erro que não é uma região de fato,

onde faltam as condições para uma verdadeira permanência, onde tem que se viver numa separação incompreensível, numa exclusão da qual se está excluído como se está excluído de si mesmo, nessa região que é a do erro porque nada mais se faz senão errar sem fim, subsiste uma tensão, a própria possibilidade de errar, de ir até o fim do erro, de se aproximar de seu limite, de transformar o que é um caminho sem objetivo na certeza de um objetivo sem caminho. (BLANCHOT. Kafka e a exigência da obra. In: BLANCHOT. *O espaço literário*, 1987, p. 72).

Para Blanchot, é nessa região que erra o topógrafo d’*O castelo*, que desde o começo está “fora do alcance da salvação, pertence ao exílio, esse lugar onde não só não está em sua casa, mas está fora de si.” (BLANCHOT, *idem*, p. 72.)

A terra de erro em que Kafka vagueia deixa-o fora do mundo, onde ele se sente “apenas flutuando em algum limbo.” (Carta a Felix Weltsch de 10/1913. In: KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 26). Uma condição zumbi, nem morto, nem vivo, que o faz pensar na morte como uma redenção. Esta fantasia de renascer ao cabo de um banimento absoluto prolifera nos escritos, o que alguns veem como alusão à metempsicose cabalística: (BLANCHOT, 1987, p. 65 [nota]). “Se existe uma transmigração das almas, então eu não me encontro ainda no último degrau (*untersten Stufe*).” (KAFKA. *Diários*, Difel, 24/01/1922, p. 360). Mas nessa fantasia vemos bem mais a *esperrânsia* de uma segunda morte, morte que lhe traga a chance de uma outra vida.

Mas se a segunda morte tão ansiada não lhe vem em socorro, melhor contar com a primeira. Kafka cortejou-a por muito tempo. Depois do fracasso de seus dois noivados no afã de unir-se a uma mulher e formar uma família, sem conseguir

afirmar-se como homem e escritor, desabafa com seu amigo Max Brod: “Por que tantas paradas na estrada para a morte? Por que leva tanto tempo?” (Kafka em lamento a Brod *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 370). Pouco tempo depois, o corpo finalmente responde com a tuberculose.

Mas enquanto a morte não chega, Kafka parece pedir por uma arma que não teve na infância, uma aposta terceira que o arrancasse do exílio, da duplicidade, um chamado paterno que o conduzisse ao mundo dos homens:

Um pouco tonto, cansado de patinar e cair serra abaixo. Mas ainda existem armas, tão raramente empregadas; custa-me tanto chegar até elas porque desconheço as alegrias de seu emprego, não pude aprender quando era pequeno. Não foi só “por culpa do meu pai” que não aprendi a usá-las, mas porque também queria perturbar a “tranquilidade”, o equilíbrio, e por isso não podia permitir que uma nova pessoa nascesse em outra parte, quando eu me esforçava aqui por enterrá-la. É claro que também assim remeto à culpa, porque, por que eu queria fugir do mundo? Porque “ele” não me deixava viver no mundo, no seu mundo. De fato não devo emitir um juízo tão preciso, pois sou agora um cidadão deste outro mundo, que se parece com o mundo normal assim como o deserto com a terra cultivada (durante quarenta anos errei distanciando-me de Canaã). Olho para trás como um estrangeiro; embora também, nesse outro mundo — e isto me segue como uma herança paterna — sou o mais ínfimo e o mais temeroso (...). Eu não deveria sentir-me agradecido apesar de tudo? Por acaso era tão evidente que eu encontraria o caminho até aqui? Não poderia o “banimento” [exílio] de um lado juntamente com a rejeição deste, terem-me esmagado na fronteira? O poder do meu pai não é tal que nada (eu não, com certeza) poderia opor-se ao seu decreto?

E sua escrita nessa anotação vai ganhando formalmente o desenho de um labirinto errático:

De fato, é como fazer uma peregrinação ao deserto ao contrário, aproximando-me continuamente do deserto e alimentando experiências infantis (sobretudo no que concerne às mulheres) de que “talvez me encontre afinal em Canaã”, quando já faz muito tempo que estou no deserto, e essas esperanças são apenas miragens do desespero, sobretudo nesta altura em que, mesmo no deserto, sou a mais miserável das criaturas e Canaã se me parece como a única Terra Prometida, já que não existe para os homens uma terceira terra. (*Diários*, 28/01/1922, Emecé, p. 393-394).

Não há em Kafka uma tentativa de construir um mundo novo. Sua errância busca muito mais um terceiro caminho, uma terceira região. Um lugar outro para ele é muito mais uma mudança de posição. Um banquinho, um tripé que o sustente, uma lei que o estabilize, sem que seja aquela espera que o condena a ficar diante da Lei do Outro. Dito por ele mesmo:

“Estabilidade. Não quero evoluir em um determinado sentido, quero mudar de lugar; isto na verdade é aquele ‘desejo de ir para outro planeta’; bastaria que eu pudesse existir perto de mim, bastaria poder considerar o lugar onde me encontro como outro lugar.” (KAFKA. *Diários*, 24/01/1922, Emecé, p. 391.)

Não parece haver em Kafka perspectiva de vida em um novo mundo imaginário, ficcional, como para ele também só há uma “terceira região”, constantemente criada, nunca assegurada, que bem pode ser o que ele expressa como “mudar de lugar para existir perto de mim”. A única garantia e certeza é que há o limbo, a condição zumbi, pavor maior, mas que não deixa de ser também um posto de resistência, um adiamento processual da sentença até o infinito, em uma espécie de chão do qual não se passa, por mais que não se avance. Lugar onde há sempre a possibilidade de interromper a tortura de uma vida inviável e recomeçar; começar tudo de novo. Em Kafka o negativo sempre pode ser positivo e vice-versa.

A ESCRITA INTERROMPIDA, O IMPASSE NA VIDA, RESTAR INACABADO, CONTINUAR NO INFINITO

“Experiência é o nome que damos aos nossos erros” O. Wilde

Kafka ficava muitas vezes paralisado ou à deriva em seus escritos. Tem uma boa ideia inicial, mas não sabe bem como continuar e, mais difícil ainda, concluir. Apesar de esse traço ser muitas vezes criticado pelos comentaristas de sua obra, revelado no inacabamento, no *pathos* dos obstáculos intermináveis, na infinitização do movimento, isso é, ao mesmo tempo, a grande marca que se imprime em seus textos e em sua vida. Sabemos que toda grande arte é inacabada e é por isso que ela não se esgota e continua transmitindo indestrutivelmente o impacto do desejo que a criou. “Em nenhuma obra de Kafka a aura da ideia infinita desaparece no crepúsculo, em nenhuma obra se esclarece o horizonte.” (ADORNO. Anotações sobre Kafka. In: ADORNO. *Prismas*, p. 240). Como escrevia Beckett, “Não é possível continuar, é preciso continuar...”. Kafka descobre no fracasso a continuidade, a metonímia em fuga. “O inacabado não se reduz então ao fragmentado, mas pede o ilimitado.” (DELEUZE / GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 107). Como diz Blanchot, dessa maneira Kafka, “o homem do exílio é obrigado a fazer do erro um meio de verdade, e daquilo que o

engana indefinidamente a possibilidade última de apreender o infinito.” (Kafka e a exigência da obra. *In: BLANCHOT. O espaço literário*, p. 76).

POETAS E ESCRITORES EM ERRÂNCIA

“Sou um grande adepto do erro” Mia Couto

Na arte, pelo menos para quem sofre de inspirações, a criação não é um projeto a ser cumprido, mas o advento de uma surpresa e pega o poeta distraído, mesmo quando se está premido por uma demanda ou uma encomenda. A frase atribuída a Picasso “eu não procuro, acho” é redita de muitas maneiras pelos artistas que tratam a criação como arte do encontro. O que é encontrado não importa tanto mas sim o estado de disponibilidade poética para o que existe e para o que não existe, para mundos e imundos. É a abertura ao inesperado do encontro que faz a preciosidade do achado. Restos, miudezas, grandezas tem o mesmo valor quando tocados pelo raro ou epifânico. A graça pode vir de uma fruta, um olhar, uma letra, um sorriso. Confessa-nos Manoel de Barros seus erros:

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em

estradas -

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas
e os araticuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática.¹

O estado de disponibilidade muitas vezes se confunde com um olhar ingênuo e mesmo infantil para as coisas, mas não necessariamente inocente. Pode ser, mais precisamente, uma estratégia de criança que sobrevive em qualquer idade.²

Mia Couto, poeta e grande adepto do erro, legitima o nascido de uma menina, pega em franca poesia de ERRAR na escola:

Na escolinha,
a menina,
propícia a equívocos, disse:
- masculino de noiva é navio.

Reprenderam, riscaram, descontaram.
Mas ela estava certa.
Noivados são mares
de barcos pares.³

Mia Couto dá tanto valor ao que não serve para nada, matéria-prima do fazer poético, que chega a dar ao erro um reino:

Dentro de nós há um rei
cujo o único saber é não reinar.
O seu trono é tão nada
que nunca será destronado.

¹ Barros, Mundo pequeno, livro das ignorâncias. In *Poesia completa*, p.319.

² “A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Não é apenas um estágio para maturidade. É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós.” Couto, Quebrar armadilhas, p. 94. In *E se Obama fosse africano*. 2009.

³ Couto, *Idades Cidades Divindades*, p.1.

Um monarca sem castelo nem garupa
que apenas do ingovernável se ocupa:
neste mundo só entende quem amar.
E quem ama não sabe quem é.
Como este soberano
cuja coroa é tão leve
que apenas lhe dá licença
para um sonho breve.
Soberano tão esquecido de toda a lei
que no fim, confessa:
- Fui rei, apenas quando errei.⁴

James Joyce, em *Um retrato do artista quando jovem*, livro que registra as experiências de juventude do escritor, também aposta na errância como meio de verdade, em um diálogo de despedida com um amigo:

-Você me fez confessar os medos que tenho. Mas vou lhe dizer também aquilo que não temo. Não temo estar só ou ser rejeitado por um outro ou abandonar o que quer que eu tenha que abandonar. E não tenho medo de cometer um erro, até mesmo um grande erro, um erro que dure toda a vida e quem sabe tão longo mesmo quanto a eternidade. (p.244, 1916.)

Podemos dizer que, para além da poesia, no que a vida tem de errante pode-se contar com o “encontro com o real”. Como diz Lacan, fora da situação analítica, “na vida, pode-se ver a verdade pegar o erro por trás.” (Lacan, 1954, p. 302). Já o dispositivo analítico se valerá da via errática do discurso como estratagema, através da “técnica” da associação livre.

ASSOCIAR LIVREMENTE COMO UM CONVITE AO ERRO – UMA INTERPOLAÇÃO

“O analista é o homem a quem se fala e a quem se fala livremente” Lacan

Freud inventou a psicanálise em parceria com suas clientes histéricas. O que os médicos não conseguiram ouvir, Freud escutou. Ana O. chamou o método que deveria atendê-la de *talking cure* ou “limpeza de Chaminé”. Outras pacientes pediram a Freud que se calasse para ouvir melhor e ele se deixou conduzir. A catarse, a ab-reação é uma resposta histórica que aponta para a via do erro na

⁴ Couto, O Rei. In *Vagas e Lumes*, pp.50-51.

busca de tratamento. A regra fundamental da associação livre foi-lhe declaradamente ditada por mulheres que discordavam do método inicial de Freud que se valia da hipnose, pressão, sugestão e da entrevista dirigida. Elas queriam falar livremente, deslocando-se no erro. Aprendendo com a histeria, Freud desconstruiu a soberania de seu método e se deixou levar, por sua vez, pela atenção flutuante⁵, no tempo heroico de sua descoberta. Essa será a novidade freudiana. Freud, com isso, passa a esperar em sua escuta por uma palavra que, ao emergir da “parte sofredora dos seres”, “ultrapassando o sujeito discorrente”, diga o inédito. “Sem dúvida, era preciso que o comum dos homens estivesse engajado há algum tempo num discurso bem perturbado, desviado talvez, e de algum modo inumano, alienante, para que se tenha manifestado com tal acuidade, tal presença, tal urgência, essa palavra.”⁶

Assim sendo, a descoberta psicanalítica nos faz supor que normalmente o discurso do sujeito, já se dá na “ordem do erro, do desconhecimento, e mesmo da denegação” (Lacan, *idem*, p. 302.)⁷. O sujeito nem sempre sabe o que diz: “diz sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer.” (Lacan *idem*, p. 303.) e isso que escapa indica, aponta o real da verdade em torno do qual gravitam suas enunciações. “A associação livre nos permite seguir a pista do fenômeno do inconsciente.” (Lacan, *As formações do inconsciente*, Livro 5, 1957, p.43)

Na experiência clínica, portanto, valendo-se dos defeitos do discurso, a direção do tratamento não se dá sem a orientação do entregar-se à errância da *Associação livre*, na prática da tarefa analisante. Uma psicanálise se inicia com a aceitação de um convite ao erro.

Ampliando esses parênteses sobre a errância na psicanálise pode ser interessante investigar um pouco mais o que está em jogo na associação livre. Lacan, sempre no exercício da crítica, questiona o termo que, para ele, define mal o que se trata. A técnica, diz ele, visa a soltura das amarras da relação falada:

⁵ “Se Freud indicou esse tipo de atenção como a contrapartida (*Gegenstück*) da associação livre, o termo flutuante não implica sua flutuação, mas antes, a igualdade de seu nível, o que é acentuado pelo termo alemão *gleichschwebende*.” Lacan, Situação da psicanálise em 1956. In *Escritos*, p.474.

⁶ Lacan, *Os escritos Técnicos de Freud*, p.305.

⁷ “No estado atual das relações entre os seres humanos, pode uma palavra falada fora da situação analítica ser jamais uma palavra plena? A lei da conversa é a interrupção. O discurso corrente se choca sempre contra o desconhecimento, que é a mola da *Verneinung*.” *Os escritos Técnicos de Freud*, p.307, onde Lacan, já em seu primeiro seminário, a partir da dialética de Santo Agostinho, explora a equívocidade da linguagem.

Rompe-se a relação de cortesia, de respeito, de obediência ao outro (...) – são as amarras da conversa com o outro que procuramos cortar. A partir de então, o sujeito encontra-se numa certa mobilidade em relação a esse universo da linguagem no qual o engajamos. Enquanto acomoda seu desejo em presença do outro, produz-se no plano imaginário essa oscilação do espelho que permite, a coisas imaginárias e reais que não têm o hábito de coexistirem para o sujeito, reencontrarem-se numa certa simultaneidade, ou em certos contrastes. (Os escritos técnicos de Freud, p. 202/ 1954)

Para Lacan, trata-se de liberar o discurso, de extrair da linguagem os significantes que, livrados do peso de verdade já dada da palavra, possam reencontrá-la na eficácia de um lastro inequívoco, pela via paradoxal desse intervalo onde acontece a experiência de uma psicanálise, “experiência do discurso desamarrado” (Lacan, idem, p. 203.) No encontro falado com o analista, “o discurso, desligado de um certo número de suas convenções pela regra dita fundamental, põe-se a jogar mais ou menos livremente em relação ao discurso ordinário, e abre o sujeito a essa equivocação fecunda por onde a palavra verídica encontra o discurso do erro.” (Lacan, idem, p.322.)

O que se dá então não é o desmascaramento da mentira, nem a caçada que pega na contradição: “durante a análise, nesse discurso que se desenvolve no registro do erro, algo acontece por onde a verdade faz irrupção, e não é a contradição.” (Lacan, idem, p. 302.) A associação livre coloca em dúvida o discurso, “entre parênteses, suspendendo a lei da não-contradição” (Lacan, idem, p.309.) e liberando as arestas da palavra, que passa a dizer mais.

Na análise, entre quatro paredes,

-a verdade surge pelo que é o representante mais manifesto da equivocação- o lapso, a ação a que se chama propriamente *falhada*. Nossos atos falhados são atos que são bem-sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas, revelam uma verdade de detrás. No interior do que se chamam associações livres, imagens do sonho, sintomas, manifesta-se uma palavra que traz a verdade. Se a descoberta de Freud tem um sentido é este – a verdade pega o erro pelo cangote, na equivocação. (Lacan, idem, p. 302.)

Além disso, a associação livre não é, para Freud, um primeiro passo que dá o analisante para depois encontrar razões para os encadeamentos. A tarefa de associar livremente não prepara ou antecede a viagem, mas é a viagem mesma.

Podemos verificar isso, por exemplo, nos relatos do médico norte-americano Smiley Blanton, analisando de Freud de 1929 a 1938, que escreveu um diário de sua análise pretendendo extrair desse registro, fundamentos para uma monografia sobre o método genuinamente freudiano. Quando Blanton, ao começar a narrar seus próprios sonhos, racionalizou o encadeamento de suas associações,

Freud o advertiu: Não dê as razões, elas virão com o tempo. Quando uma pessoa me diz alguma coisa, não tento pensar nas razões. Sei que com o tempo as razões aparecerão. Existe uma frase de Oliver Cromwell: “Você vai mais longe quando não sabe para onde vai”. A mesma coisa acontece na análise. (FREUD apud BLANTON, p. 11, 1975).

Desde Santo Agostinho, Lacan reconhece que, se a palavra é enganadora, é porque ela pretende se afirmar como verdadeira.

É claro que o erro só é definível em termos de verdade. Mas não se trata de dizer que não haveria erro se não houvesse verdade, como não haveria branco se não houvesse preto. As coisas vão mais longe – não há erro que não se coloque e não se ensine como verdade. Em suma, o erro é a encarnação habitual da verdade. E se quisermos ser inteiramente rigorosos, diremos que enquanto a verdade não for inteiramente revelada, isto é, segundo toda a probabilidade até o fim dos séculos, será de sua natureza propagar-se em forma de erro. (Lacan, *Os Escritos técnicos de Freud*, p.300)

Lacan se alia a Santo Agostinho para dizer ainda algo que cotidianamente verificamos, mas que não deixa de nos surpreender: “que muito frequentemente os sujeitos dizem coisas que vão bem mais longe do que o que pensam, e que são mesmo capazes de confessar a verdade sem aderir a ela.” (idem, p. 303)

Mas mesmo não aderindo à verdade que lhe escapa, assistimos às consequências desse tomar da palavra. A fala desencadeia uma situação que o analista menos compreende do que testemunha. Lançado o discurso analisante na associação livre, presenciamos, constrangido em seus grilhões, a pouca liberdade que a neurose permite ao sujeito, e também o quanto a fala livre pode lhe ser penosa: “Nada é mais temível do que dizer algo que possa ser verdadeiro. Pois logo se transformaria nisso, se o fosse, e Deus sabe o que acontece quando alguma coisa, por ser verdadeira, já não pode recair na dúvida.” (Lacan, *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, p.622, 1958.) Mas o procedimento analítico com isso não promove no discurso do sujeito um desenvolvimento progressivo de verdades. Ao contrário dessa perspectiva intelectualista, vemos emergir no limite das palavras o inaudito, a convicção que assertiva, o real indizível que não só convida, mas exige o ato.

Entretanto a associação livre não frequente, para Freud, apenas a experiência clínica, mas é método também para as descobertas e elaboração teóricas. Freud, imerso na escrita da interpretação dos sonhos nos brinda, em um trecho de uma carta a Fliess, com a descrição de seu momento de criação:

Não iniciei um só parágrafo sabendo onde ele iria terminar. É claro que [o livro] não foi escrito para o leitor; depois das duas primeiras páginas, desisti de qualquer

tentativa de cuidar do estilo. Por outro lado, é claro que acredito nas conclusões. Ainda não tenho a mínima ideia da forma que finalmente assumirá o conteúdo.⁸

A ERRÂNCIA DESENFREADA

*A rabiscção me serve para fugir diante de mim mesmo, mas no ponto final eu me alcanço.
Não posso escapar a mim mesmo. Kafka apud Janouch*

Mas se há a errância criadora, a errância da descoberta, a que desacostuma o sentido, há também a errância que desorienta e perde o rumo em um nomadismo perigoso, em uma perambulação sem fim.

Voltando ao nosso autor, há nuances na errância e no inacabado de Kafka. O que muitas vezes o acompanha no interminável é o medo, e este, aliado à loucura, à culpa, aos fantasmas, ameaça a obra; pode fazer o escritor desistir da pena:

Medo (*Angst*) de acabar uma crítica para o *Diário* de Praga (*PragerTagblatt*). Este medo (*Angst*) de escrever se materializa sempre que, sem eu estar sentado à escrivaninha (*Schreibtisch*), formulo frases para o que vou escrever, as quais se verifica imediatamente serem erradas, secas, quebradas antes do fim, e apontam com os seus fragmentos salientes [arestas] para um triste futuro. (Kafka. *Diários*, 16/12/1911, Difel, p. 123.)

A fixação “como se” em um modelo de homem não só não lhe servia, mas era tudo que Kafka criticava. Então lhe resta esperar, errar, ansiar, retomar e repetir, em sua *esperrânsia* infinita: “Durante a viagem tomei notas em outro caderno. Comecei alguns trabalhos fracassados. Mas não me dou por vencido, apesar da insônia, as dores de cabeça, e minha incapacidade geral. São minhas últimas forças vitais decididas a um esforço conjunto.” (Kafka. *Diários*, 29/07/1914, Emecé, p. 285).

Os não poucos impasses sempre ameaçavam interromper e mesmo acabar com a escrita de Kafka, mas ele soube mantê-la em um lugar de impasse sempre reaberto em recomeço: resistência e insistência que acabam conduzindo Kafka, não tolo que erra, sempre e de novo ao ato de escrita que é, por fim, ato de separação.

Se fossemos por um caminho correto, renunciar seria o desespero sem limites, mas já que vamos por um caminho que só nos conduz a outro e este a um terceiro e assim sucessivamente; já que a verdadeira via não surgirá antes de muito tempo, e talvez

⁸ Freud, 07 de julho de 1898, In *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p. 320

nunca, já que consequentemente estamos entregues totalmente à incerteza, mas também a uma diversidade inconceivelmente bela, a realização dessas esperanças segue sendo o milagre sempre inesperado, mas em compensação sempre possível. (Kafka *apud* BLANCHOT. *La última palabra. In: BLANCHOT. De Kafka a Kafka*, p. 267).

Mas contrariando o exílio interminável, no último ano de sua vida, na errância de uma rabiscação que não o deixa fugir de si, no esforço hercúleo de um ato arrancado de todas as angústias, um encontro amoroso “improvável” abriu-se lhe a terceira via e o desejo encontra seu pouso. Não é demais lembrar o quanto o amor deve ao erro: Em sua novela “A doença da morte” Marguerite Duras coloca a questão: “Como o sentimento de amor pode surgir?” “Talvez de uma falha repentina na lógica do universo, por exemplo, de um erro, nunca de um querer.”⁹ Mas esta é uma outra história...

Bárbara Guatimosim, B.H., Setembro, 2013.

Les errances de Franz Kafka

Résumé: L'écrivain Franz Kafka laisse dans son oeuvre le témoin d'un double exil sans sortie, ce qui lui semble une troisième voie: selon lui, non seulement il n'y a pas de place dans le monde, comme aussi il ne vit que hors de lui-même. Cependant, dans le limbe errant de son écriture, enregistrée dans ses fictions, ses journaux et ses correspondances, il continue à construire un chemin de résistance, lequel en visant la mort le conduit à l'encontre de destins inattendus. En plus des cheminements Kafka nous exploitons encore le thème de l'errance chez quelques poètes et écrivains et aussi les conséquences de l'invitation à l'erreur promue par la psychanalyse.

Mots-clé: Exil. Errance. Écriture. Association livre. Infini.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Anotações sobre Kafka (1953). In: ADORNO, Theodor. **Prismas:** crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 1998.p. 239-270.

ANDRADE, Oswald. **Pau-Brasil.** São Paulo: Editora Globo, 1991.

⁹ Duras, *A doença da morte*, p. 52.

- BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Texto Editores LTDA, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. **De Kafka a Kafka**. Tradução Jorge Ferreiro. México: Fondo de Cultura Econômica, 1991.
- BLANCHOT, Maurice. Kafka e a exigência da obra. In: BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BLANTON, Smiley. **Diário de minha análise com Sigmund Freud**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1975.
- COUTO, Mia. **Idades Cidades Divindades**. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 1987.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano e outras interinvenções e Ensaios**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.
- COUTO, Mia. **Vagas e lumes**. Lisboa: Editorial Caminho, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DURAS, Marguerite. **A doença da morte**. Tradução Jorge Bastos. Ed. Bilíngüe. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1987.
- JANOUCHE, Gustav. **Conversas com Kafka**: (1968). Tradução Celina Luz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. (1916). Tradução de Bernardina Silveira Pinheiro. São Paulo: Editora Siciliano, 1992.
- KAFKA, Franz. **Diários**. Tradução Maria Adélia Silva Melo. Algés, Portugal: Difel, 2002.

KAFKA, Franz. **Diários**: (1910-1923). Tradução J. R. Wilcock. Buenos Aires: Emecé, 1953.

KAFKA, Franz. **Tagebücher**: 1910-1923. Projekt Gutenberg-DE: Spiegel online Kultur. Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/162/1>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

KAFKA, Franz. **Cartas aos meus amigos**. Tradução Osvaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época, [s.d].

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Livro 1- O seminário**: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Tradução Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

MASSON Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1986.

PAWEL, Ernest. **O pesadelo da razão**: uma biografia de Franz Kafka. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.